

CAMINHOS PROPOSTOS PELO SÍNODO SOBRE A PALAVRA DE DEUS PARA A IGREJA NAS AMÉRICAS

Dom José Antonio Peruzzo

São Paulo, 08 – 18 agosto 2011

CAMINHOS PROPOSTOS PELO SÍNODO SOBRE A PALAVRA DE DEUS PARA A IGREJA NAS AMÉRICAS

Para uma reflexão com as características indicadas no título acima, variados métodos poderiam ser seguidos. O próprio termo “sínodo”, na sua origem, assinala um “caminho percorrido em conjunto”. E foi bem caracterizado o caminho da Igreja até chegar à realização da assembleia sinodal. Daí que a metodologia poderia adotar diferentes caminhos. Contudo, parece razoável que se tomem as análises e as abordagens enunciadas pelos membros da assembleia. Suas palavras têm uma elevada significação representativa.

Para o presente encontro de estudos e de buscas por parte de discípulas do Senhor que “habitadas pela Palavra”, querem traçar caminhos novos para a missão, a partir de realidade eclesial sobre a qual incidem muitos componentes de natureza sócio-cultural, procurar-se-á ressaltar as proposições dos bispos do continente americano, tencionando evidenciar os pensamentos de maior convergência, acreditando que como homens de missão apostólica, com graves responsabilidades de pastoreio, o seu falar seja linguagem dos anseios de um povo, seja expressão de singelas e sinceras buscas eclesiais, e especialmente, que sejam palavras ouvidas do Espírito de Deus.

Em primeiro lugar será apresentado as grandes linhas temáticas enunciadas pelo Papa Bento XVI na abertura do Sínodo. São palavras de esperança, pronunciadas em contexto de muitas preocupações, mas que formulam a consciência segura de que Jesus Cristo, vencedor da morte e do pecado, caminha com sua Igreja. Também as profundas reflexões do relator geral do Sínodo, Cardeal Marc Ouellet, oferecem um precioso substrato do que o caminho sinodal percorrido até então. Sua análise fez emergir e perfilou as grandes exigências para a Igreja, mas também as grandes possibilidades para a Palavra de Deus no nosso tempo.

Se o Papa e o Cardeal Ouellet traçam um panorama para a Igreja universal, as palavras dos padres sinodais, de proveniência americana, retratam as inquietações, as experiências e as convicções, originadas da vida pastoral e eclesial do nosso continente. O episcopado americano no Sínodo foi a voz de toda a Igreja do nosso continente. Eles falaram nas sessões sinodais. Mas, mais que isso, enunciaram os caminhos que consideram percursos de fidelidade. Por isso eles vão falar neste nosso encontro, ainda que nem todos os pronunciamentos sejam evocados. Prevalecerão os de maior convergência.

As páginas finais elucidarão o que se vislumbra como “Animação bíblica da Pastoral”. Isso porque afigura-se ser a proposta mais efetiva e prática para que nossa evangelização seja profundamente marcada pela Palavra de Deus.

1 - Palavras do ao Papa Bento XVI na celebração de abertura do Sínodo

Tomando como ponto de partida para sua reflexão inaugural os textos da Palavra proclamada na celebração eucarística de abertura (Is 5,1-7: O Cântico da Vinha; Mt 21,33-45: Os vinhateiros homicidas, o Santo Padre deixou transparecer alguns direcionamentos que ele mesmo vislumbrava para o Sínodo. Preocupava-lhe muito a realidade séria e objetiva de que há povos que receberam o anúncio do Evangelho, mas que hoje perderam a sensibilidade para o mesmo. Nações outrora “ricas de fé e de vocações estão agora a perder a identidade que lhes é própria, sob a influência deletéria e destruidora de uma certa cultura moderna. Há quem tendo decidido que ‘Deus morreu, se declara a si mesmo como ‘deus’...”.

Mas ainda que haja quem não acolha, ainda assim as palavras de Jesus sobre os vinhateiros encerram uma promessa: a vinha não será destruída, ou seja, sempre haverá povos dispostos a acolher. E retomando o uso que o evangelho fazia do Sl 117;22, Bento XVI reportava-se à seguinte sentença: “A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se pedra angular”. O dono não se desapega de sua vinha. Ela será confiada a outros servos que sejam fiéis. A mesma imagem da vinha, com suas implicações morais e espirituais reaparece, de alguma maneira, nas palavras de despedida de Jesus: “Eu sou a videira e meu Pai é o agricultor. Todo o ramo que em mim não dá fruto, Ele o corta e poda todo aquele que der fruto, para que dê mais fruto” (Jo 15,1-2). Nestes há um anúncio de fundo, que no final quem vence é Cristo. Sempre.

Com esta confiança, na Basílica dedicada a São Paulo, o grande apóstolo que difundiu a mensagem do Evangelho por vastas regiões da Ásia Menor e da Europa, o Papa manifestou seu anseio: “Renovaremos de modo significativo este anúncio...”. O falar de Deus exige uma resposta e seu amor espera correspondência. A palavra do pontífice interpela a Igreja: “Que nunca aconteça o que é narrado pelo texto bíblico a propósito da vinha: ‘Esperou que desse uvas, mas só produziu agraços’” (Is 5,2). Sua preocupação tem uma dúlice direção, uma de caráter eclesial e outra de alcance pastoral. De um lado é constitutivo da Igreja ser eminentemente anunciadora. É uma questão de identidade e de fidelidade. É a sua razão de ser. Continua ressoar hoje para a Igreja a inquieta exclamação paulina: “Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho” (1Cor 9,16).

Sob o aspecto pastoral a linguagem se revelou convicta: “Somente a Palavra de Deus pode transformar profundamente o coração do homem”. Daí a ênfase conferida à intimidade com a Palavra, tema já bastante caro ao professor de teologia, mais tarde cardeal e depois Papa. Suas palavras são iluminadoras: “Sem Deus o homem permanece mais só e a sociedade mais dividida e confusa”. Segue que em tempos de tantas desorientações e fragmentações éticas e culturais, os vínculos profundos com a Palavra são uma verdade fundamental para que a Igreja expresse sua dimensão missionária e testemunhal. Ou seja, sem tais vínculos, a própria Igreja e sua missão seriam uma realidade sem fundamento. E se ela existe para o anúncio do Evangelho, é

imprescindível que conheça e viva o que anuncia. É o caminho para que o Evangelho se torne credível.

Portanto, para Igreja a relação com a Palavra não trata apenas de um modo de fazer e/ou de operar. Muito mais, trata-se de um modo de ser. E neste “modo de ser” recebe grande proeminência outro tema bastante recorrente nos anos recentes: a relação pessoal com Jesus Cristo. Quando Ele anunciava a Palavra, a grande temática unificadora era o Reino de Deus (cf. Mc 1,14-15). Mas a própria pessoa de Jesus é a melhor expressão deste reinado. Nas palavras, nas obras, nos olhares, nas orações, nos gestos de compaixão e perdão por parte de Jesus era o próprio Deus a exercer a sua realeza e a oferecer a sua salvação. E isso vale para os homens de todas as épocas. Por isso mesmo, Bento XVI, reportando-se ao comentário de São Jerônimo sobre o profeta Isaías, augurava o conhecimento amoroso das escrituras: ‘Quem não conhece as Escrituras não conhece o poder de Deus, nem a sua sabedoria. Ignorar as Escrituras significa ignorar Cristo’.

2. Cardeal Marc Ouellet, Relator Geral do Sínodo (Sessão primeira)

A reflexão *ante disceptationem* do Relator Geral fora de grande valia para interpretar os caminhos pelos quais trilhariam os debates, as análises e as proposições, segundo a visão dos que estiveram à frente no processo de preparação da assembleia sinodal. Na realidade, em qualquer sínodo a assembleia é a fase conclusiva de um longo e cuidadoso percurso já palmeado. Para o cardeal Ouellet, o Sínodo prefigurava-se com matização predominantemente pastoral e missionária. Por isso mesmo, a seu ver o evento sinodal representava uma conjunção de esforços orientados a “ouvir em conjunto a Palavra de Deus para discernir como o Espírito e a Igreja aspiram a responder ao dom do Verbo Encarnado mediante o amor pelas Sagradas Escrituras e o anúncio do Reino de Deus a toda a humanidade”. O apóstolo Paulo o ajudava a se expressar: “... para vos tornardes capazes de compreender, juntamente com todos os cristãos, qual é a largura e o comprimento, a altura e a profundidade de conhecer o amor de Cristo, que supera todo o conhecimento” (Ef 3,18-19).

Já no próprio *Instrumentum Laboris* se perfilava a meta de “revigorar a prática de encontro com a Palavra de Deus como fonte de vida” (*Instrumentum Laboris*, 4). Tal “revigoramento” seria portador de uma grande potência renovadora para a Igreja. Então, mais que debates teóricos dever-se-ia dar proeminência à “atitude de escuta”, proposta já no n. 1 da *Dei Verbum*. Quem a “ouve”, proclama-a: “Em religiosa escuta da Palavra de Deus e proclamando-a com confiança firme...”. Se antes se privilegiava a dimensão noética das verdades a acreditar, passou-se, então, a compreender a Revelação de Deus como “autocomunicação pessoal. Desde então começou a se falar, sempre com mais força, sobre o encontro vivo e dialógico entre Deus que chama e o homem que lhe responde.

Todavia, se se compreendeu teologicamente, não foi este o ritmo de adesão no âmbito da evangelização, do pastoreio e da investigação teológica e bíblico-exegética.

Até se verificou que a Igreja sofreu de uma “certa separação entre os estudiosos, os pastores e as pessoas simples das comunidades cristãs”. O modelo de comunicação pessoal da parte de Deus parece não ter penetrado suficientemente na consciência dos homens e mulheres da Igreja. Recomendava, então, o cardeal: “O Sínodo deve propor soluções concretas para preencher as lacunas e remediar a ignorância a respeito das Escrituras, que se acrescenta às atuais dificuldades da evangelização”. É grandioso o desafio de transmitir a fé na Palavra de Deus nos dias de hoje. Mas ela, a Palavra, tem o poder de rejuvenescer a Igreja e de suscitar uma nova esperança em vista da missão.

Em seu cuidadoso percurso de análise e avaliação que precedeu o Sínodo, o relator geral chamou à atenção a necessidade da Igreja de redescobrir o que já fora explicitado no Concílio. Na liturgia é “Cristo que está presente na sua palavra, pois é Ele quem fala ao ser lida a Escritura na Igreja” (Sacrosanctum Concilium, 7). Talvez nunca se consiga compreender suficientemente o alcance desta afirmação. Somos uma Igreja a serviço da Palavra e de Quem fala. Até mais do que instruir, na liturgia o Senhor quer se comunicar a si mesmo. Eis, pois, o grave compromisso que nos toca como homens e mulheres com responsabilidades ministeriais. Que consequências desencadeia esta necessária redescoberta do lugar originário da Palavra nas nossas hermenêuticas, nas nossas celebrações, homilias e demais pregações? Toda a assembleia litúrgica que não estiver centrada na Palavra seria pobre de si mesma; apenas um grupo social. Tal problemática não se afronta apenas com revisão dos estudos. Urge-nos, enquanto Igreja, revalorizar a contemplação das Sagradas Escrituras.

Aliás, face a necessidade de retomar a relação contemplativa com as Escrituras, no processo de preparação do Sínodo emergiu com força a feliz recordação da *Lectio Divina*. Ela promove um clima de amor e reciprocidade entre o discípulo/comunidade orante e a Palavra.

Na leitura assídua, Deus pode ser “ouvido”, pois que é Ele quem “fala”. E a oração que segue é o assentimento obsequioso de quem quer acolhê-Lo. Surge um diálogo íntimo, sponsal e responsorial com o Senhor. E a humanidade do nosso tempo padece gravemente de uma dolorosa incapacidade de ouvir a voz de Deus. Nas palavras de Bento XVI, esta prática, se promovida eficazmente, produzirá na Igreja uma nova primavera espiritual. A redescoberta da riqueza da Leitura Orante se apresenta como uma “grandiosa contribuição para a formação dos discípulos e das comunidades cristãs. E aflorava o desejo de que o Sínodo estimulasse a busca de novas estratégias de Leitura Orante, métodos simples e atraentes, para que os cristãos possam desenvolver o gosto por uma aproximação habitual e dialógica da Palavra de Deus.

Uma temática bastante delicada, com fortes desdobramentos para a vida eclesial, que já há tempos é motivo de debates e ainda requer ulteriores reflexões, é a das relações entre espiritualidade, exegese e teologia. A hermenêutica bíblica é por si só uma realidade complexa. Muito mais se nestas áreas do conhecimento bíblico não se cultivarem relações de grande reciprocidade. Já houve tensões. Muitas. Também belas experiências de diálogo. Mas é preciso avançar muito mais para que se favoreça uma interpretação global da Escritura. Todas ocupam-se do mesmo objeto, a Palavra de

Deus, mas em perspectivas diferentes e complementares. Para ajudar a superar tantas dificuldades neste âmbito, o Sínodo deveria acolher o reflorescimento pela abordagem canônica da Escritura. Ademais, é hora de recomendar e promover sínteses de teologia bíblica que favoreçam compreensões globais. Os métodos teológicos e exegéticos, no ato de interpretar, deveriam refletir a interdependência entre a “letra”, o Espírito e a fé. Surgiriam muitas novas faces daquela lapidar frase conciliar: “O estudo destes sagrados livros deve ser como que a alma da sagrada teologia” (DV 24).

3 - América e sua fome da Palavra de Deus

(Cardeal Oscar Maradiaga, relator da realidade eclesial no continente americano)

Com Cristovão Colombo chegou a primeira Bíblia à América. Ele a tinha em sua bagagem. E a lia em voz alta para amainar a força das ondas encrespadas. O primeiro bispo da Cidade do México, chegou em 1528. Seu propósito explícito era fazer chegar a Palavra de Deus a todos. Também os franciscanos nutriam propósitos semelhantes. Igualmente os concílios de Lima (1551-1583) ofereceram belíssimas apresentações dos evangelhos ao povo não letrado. Foram sementes que permaneceram, que atravessaram os séculos. Mas o cristianismo católico chegou à América nos tempos da Reforma, período no qual a Bíblia, na América Latina, não recebeu seu devido lugar privilegiado. O catecismo e a doutrina, então prevalecentes, foram privados do sabor bíblico. Na América do Norte ela chegou com os migrantes ingleses, sob forte vigor reformador. Estas foram problemáticas e características que atravessaram séculos da nossa história eclesial.

Surgiram as Assembléias Gerais do Episcopado Latino-americano. Em Medellín (1968), em meio a grandes efervescências históricas e políticas, com a teologia da libertação se perfilando, a Igreja propunha a si mesma que a pastoral se afirmasse sobre a força da Sagrada Escritura (6.13; 14.14). Em Puebla (1979), já havia maior familiaridade com a Escritura. As Comunidades Eclesiais de Base foram importantes agentes de difusão da experiência bíblica. Agora se falava que a era a “alma da evangelização” (372), que era a “fonte da catequese” (981; 1001). E nas suas opções pastorais insistiu sobre a importância de ouvir, aprofundar, celebrar e proclamar a Palavra de Deus e dar testemunho dela (1305). Ela era uma poderosa força profética para desentranhar as “situações de pecado” e realizar a própria conversão. Foram passos de grande largueza, “insistindo-se não tanto sobre a interpretação da Bíblia, quanto sobre interpretar a vida à luz da Bíblia”. Os grupos de reflexão em torno à Palavra, os círculos bíblicos, as celebrações da Palavra nas comunidades exerceram uma grande força coesiva.

A Conferência de Santo Domingo (1992) marcava-se no contexto da celebração dos 500 anos do início da evangelização no Novo Mundo. Ela teria três objetivos: celebrar Jesus Cristo, ou seja, a fé e a mensagem do Senhor crucificado e ressuscitado; prosseguir e aprofundar as orientações de Medellín e Puebla; definir uma nova

estratégia de evangelização para os próximos anos, respondendo aos desafios do tempo. Era bem outra a situação política das repúblicas latino-americanas, passando de ditaduras de distintos matizes a regimes políticos mais democráticos. Constatara-se a derrocada do “socialismo real” e afirmava-se o neoliberalismo de cunho anglo-saxão. A violência do narcotráfico se estendia, em convivência com algumas guerrilhas. Acentuava-se gravemente o fenômeno da urbanização. Os grupos religiosos de cunho neopentecostal se alastravam. Neste quadro a nova evangelização somente teria força renovadora unicamente na “fidelidade à Palavra de Deus” (n. 27). Ela se caracterizaria por três grandes elementos: a referência à Palavra de Deus, o papel central dos leigos e a animação das comunidades.

Chega-se, finalmente, a Aparecida (2007). O tema já tinha em si mesmo uma profunda raiz bíblica: “Discípulos e missionários de Jesus Cristo para que nele nossos povos tenham a vida”. E continuou assim em toda a sua tessitura final. Manteve-se o conhecido método ver-julgar-agir. Mas com nova matização bem pronunciada: “ver” com a primazia da Palavra (77); julgar com a centralidade da Palavra (134-140); agir inspirados na Leitura Orante, pessoal e comunitária (331). No seu todo o texto é dotado de um profundo tecido bíblico, com alguns importantes propósitos de base: a animação bíblica de toda a pastoral e a Leitura Orante como primeiro âmbito formativo do encontro pessoal com Jesus Cristo. É possível que estejamos entrando em uma nova fase no que toca à relação entre Palavra e evangelização na nossa América. Redescobre-se a urgência de uma apresentação tipicamente querigmática de Jesus Cristo. Há que se insistir sobre a reação do crente, melhor ainda, enfatizar o caminho do discipulado.

Da parte dos pastores pode-se constatar um esforço para fazer com que a Bíblia não um tema separado dos programas de evangelização. Anseia-se para fazer dela o centro unificador dos da ação pastoral. Da parte do povo observa-se uma severa carência, mas também uma grande fome da Palavra de Deus. Isso suscita questionamentos, responsabilidades, mas também esperanças a todos quantos são constituídos anunciadores e mistagogos da Palavra. Para além de ensinamento bíblico, nossa gente está à procura de uma compreensão mais hermenêutica do que exegética, buscando experiências vivas de encontro entre o homem bíblico com o homem de hoje. Muitas iniciativas foram já implementadas e/ou estão em ato; enumeram-se os centros de estudo, as publicações, os eventos, os organismos orientados à leitura popular da Bíblia.

Todavia, ainda há dificuldades. As condições de pobreza e analfabetismo em muitos contextos ainda é uma realidade muito problemática. Também ainda há uma distância entre exegese e comunidades eclesiais; entre exegese e teologia dogmática; entre exegese e pastoral. Também é forte o influxo de leituras tendenciosas (ex. teologia da prosperidade) ou fundamentalistas da Bíblia, confundindo mentes, suscitando falsas expectativas ou concepções religiosas mágicas. É grande, pois a necessidade de aprofundar o conhecimento da Palavra de Deus e dos conteúdos da fé. Não se trata de mera intelecção do conteúdo da fé. Muito mais, trata-se de “experiências de fé”. Há uma urgente necessidade de desenvolver nas nossas comunidades um processo de iniciação

cristã a partir do querigma. Este, guiado pela Palavra de Deus, promoverá um real e efetivo encontro pessoal com Jesus Cristo. Tudo isso se prefigura como um caminho de grandes exigências, mas também de grandes esperanças.

4 - Proposições de Bispos do continente americano no Sínodo

Card. Francis Eugene George, Arcebispo de Chicago: necessidade de converter a imaginação daqueles a quem é proclamada a PdD e a quem é interpretada. Esta é tarefa dos pastores. A Palavra de Deus ainda não é uma presença influente no coração e mentes da nossa gente.

D. Gerald Frederik Kicanas, bispo de Tucson, EUA, vice-presidente da Conf. Episcopal Americana: Depois do Ano Paulino, um Ano da Palavra. A Palavra tem poder para mudar a vida das pessoas e dar-lhes sentido. Mas a pregação, hoje, com frequência perde sabor; torna-se formulação, perde a inspiração, deixando o ouvinte vazio. É preciso ouvir os leigos. Por isso mesmo sugeriu o Ano da Palavra, orientado a qualificar e conferir vivacidade às nossas pregações, especialmente homiléticas. Necessidade de redescobrir o potencial catequético das homilias, para nossos leigos sejam fermento no mundo.

D. Donald Willian Wuerl, Arcebispo de Washington, EUA: ênfase na oportunidade das homilias e encontros catequéticos para renovar o sentido de união com Cristo e sua Palavra. Individualismo como mentalidade e como cultura, associado a um conhecimento mínimo da Palavra, apresentam-se como grandes desafios hoje para nossa Igreja. A homilia é momento precioso para abrir os corações dos nossos fiéis à Palavra de Deus. É a melhor ocasião para encontrar a pessoa viva de Jesus Cristo no âmbito de uma autêntica experiência eclesial.

D. Raymond Saint-Gelais, bispo de Nicolet, Canadá: A Palavra de Deus ressoa nas Escrituras. Mas vai além do livro. É mais uma pessoa que se dirige do que texto a ser estudado. Deus inaugurou um diálogo vivo com a humanidade. Por isso a Palavra abre a todas as gerações horizontes inesperados de verdade e de sentido. Por isso mesmo é decisivo perceber a grande possibilidade que as homilias tem para introduzir a assembleia no mistério que Deus lhe dirige na sua vida concreta.

D. José Luc André Bouchard, bispo de Saint Paul, Canadá: O povo de Deus deve ser educado a descobrir o grande horizonte da Palavra de Deus. Mas existe uma certa separação entre os estudiosos e os pastores, e entre as pessoas simples e as comunidades cristãs. Necessidade de ajudar o povo a uma leitura “cum ecclesia” da Escritura.

D. Terrence Thomas Prendergast, Arcebispo de Ottawa, Canadá: Mostrou-se preocupado com a perda de confiança de muitos católicos de que a Escritura comunique verdadeiramente a revelação de Deus, especialmente face às dificuldades de muitos ante o Antigo Testamento. Propôs que o Sínodo avaliasse em qual medida isso se deveu também ao influxo dos estudos bíblicos modernos sobre a pregação. Recomenda pois atenção ao significado espiritual da Escritura.

D. Donald Peter Fabro, bispo de London, Canadá: O povo tem fome de Deus. No entanto um grande obstáculo para uma relação viva com Jesus Cristo é o formalismo que caracteriza uma boa parte da vida paroquial. É hora de ensinar métodos que favoreçam o encontro pessoal com Cristo mediante a Escritura. Propôs a Leitura Orante da Palavra para que, graças ao poder do Espírito se alcance o encontro vivo e pessoal com o Senhor.

D. Félix Lázaro Martínez, bispo de Ponce, Porto Rico: A relação entre Escritura, tradição e magistério se enriqueceria mediante maior convicção entre teólogos e exegetas. É o povo de Deus que sofre as conseqüências desta dicotomia. Seria muito rico para a Igreja se os fiéis compreendessem a relação entre Escritura e Credo. Isso supõe também espiritualidade, aquela que nasce da Palavra e na Palavra. É preciso disposição de espírito para escutar a Palavra, para responder na fé. Caminhos: Leitura Orante e Liturgia vivas e comunicativas.

D. Norbert Klemens Strotmann, bispo de Chosica, Peru: É preciso ampliar as perspectivas. Temos bastante reflexão, bastante teologia fundamental e pouca teologia pastoral. Temos dificuldades em sair dos nossos quadros e contextos eclesiais. É preciso conhecer mais as culturas e as comunidades a que nos dirigimos. Já se conhece bem nossa teologia, nossa tradição..., mas é grande a dificuldade em dialogar com o mundo, com as culturas, com a diversidade. Pensamos demais a partir do eclesial. Também precisamos de perspectivas externas.

D. José Miguel Gómes Rodrigues, bispo do Líbano-Honda, Colômbia: O ser humano é essencialmente dialógico. Na profundidade do nosso ser descobrimos uma dinâmica dialógica ontológica. Nossa existência pessoal é, antes de tudo, de ouvintes. E a pessoa encontra sua dignidade fundamental na escuta da Palavra de Deus. Por isso mesmo é necessário estabelecer critérios adequados para uma autêntica hermenêutica da Palavra revelada. Com isso se busca evitar o perigo dos relativismos modernos.

D. Filippo Santoro, bispo de Petrópolis, Brasil: Em uma cultura na qual o efêmero parece ter proeminência, trata-se de perguntar se existe algo que realize plenamente as exigências do coração humano. Ainda outra questão séria: se existe, com

qual método? A Palavra que se fez carne indica um conteúdo salvífico e um método: o encontro com a pessoa de Jesus Cristo despertou neles um fascínio. Exemplos: André, Pedro, Zaqueu, Samaritana, e também depois da ressurreição. Por isso mesmo, nem tanto multiplicar ministérios extraordinários, que podem até burocratizar. Muito mais, favorecer tudo o que, através da ação do Espírito Santo e “suscita encontro” com Jesus (dons hierárquicos e dons carismáticos).

D. Orlando Romero Cabrera, bispo de Canelones, Uruguai: Na Bíblia Deus vem ao encontro da Igreja como o Deus da Palavra. A Igreja é interpelada a ser Mestra da escuta, no mesmo Espírito em que foi inspirada a Palavra. Esta deve ser inspiradora de toda a vida pastoral. Daí que a animação bíblica da pastoral e o caminho da *Lectio Divina* apresentam-se como meios privilegiados para que a Palavra seja feita vida nos discípulos. Esta última, a *Lectio Divina* tem apresentado importantes frutos de evangelização e de intimidade com a Palavra nas dioceses acima indicadas. Muitos bispos testemunharam com entusiasmo o grande vigor renovador entre os agentes de evangelização.

D. Emmanuel Lafont, bispo de Caiena, Guiana Francesa: este é formado em Ciências Bíblicas, no Pontifício Instituto Bíblico. Mas testemunhou que foram os pobres que lhe abriram ainda mais para o vigor da Palavra. De sua experiência, diz que a Igreja deve ler a Escritura ao lado dos pobres. Até propôs que no Sínodo a Igreja cresça em confiança no modo como os mais pequeninos e os leigos em geral acolhem a Palavra. Não o atemoriza um eventual modo errôneo de lerem a Escritura. Teme muito mais o risco que não a leiam de modo algum. E que as demasiadas precauções da hierarquia acabem por tirar-lhes a paixão pela Palavra.

D. Juam Baptista Gavilán Velasques, bispo de Coronel Oviedo, Paraguai; D. Joviano de Lima Júnior, arcebispo de Ribeirão Preto, Brasil: Na cultura do nosso tempo parece difícil aprender a “escutar”. E o povo de Deus tem “fome de ouvir a Palavra do Senhor”. Como pastores cabe-nos o dever de ajudar nossa gente a “escutar” especialmente a Palavra encarnada, Jesus Cristo. Se necessário for vale mesmo “abandonar as estruturas ultrapassadas que já não transmitem a fé”(DAp 365). Pela Palavra o povo pode voltar a ter esperança e paz. Urge-nos que como Igreja se valorizem os pequenos grupos de pessoas que se fortificam mutuamente com a escuta da Palavra de Deus, e, por ela, encontrem apoio para a vida quotidiana, para as suas organizações civis e pleitos sociais.

D. Hector Miguel Cabrejos Vidarte, Arcebispo de Trujillo, Presidente da Conferência Episcopal do Peru; D. Raimundo Damasceno de Assis, Arcebispo de Aparecida, Brasil; D. René Osvaldo Rebolledo Salinas, bispo de Osorno, Chile; D. Javier Augusto Del Río Alba, arcebispo de Arequipa, Peru: A Igreja padece de uma

insuficiente comunicação da Palavra nas celebrações. Entre outras, uma das principais causas e a falta de uma formação bíblica mais consistente nos seminários e institutos teológicos. Um bom conhecimento da Sagrada Escritura é garantia de uma boa pregação. É fundamental que nossas homilias sejam comunicação da Palavra viva de Deus. Como o termo mesmo orienta, a homilia destina-se a gerar comunhão com Deus. Para tanto, além de competência teológica é indispensável uma sólida espiritualidade bíblica, em particular a *Lectio Divina*. Por este caminho a futuro presbítero pode chegar ao conhecimento de Deus na nascente viva de sua Palavra. Se bem iniciado na Leitura Orante, no seu futuro ministério, o futuro presbítero estará bem predisposto à animação bíblica da pastoral.

D. Santiago Jaime Silva Retamales, bispo auxiliar de Valparaíso, Chile; D. Valmor Oliveira de Azevedo, arcebispo de Belo Horizonte, Brasil; D. Faustino Armendaris Jimenez, bispo de Matamoros, México; D. Ruy Rendon Leal, bispo-prelado de El Salto, México: É preciso considerar três grandes critérios para a leitura cristã da Bíblia: a) “Sede de Deus”, para a qual a animação bíblica da Pastoral é uma adequada resposta. b) “Filhos de Deus, discípulos de Jesus”. Aqui é urgente uma crescente espiritualidade bíblica que proporcione a experiência do amor de Deus. c) Família de Deus. A unidade viva e criativa em torno à Palavra é um grande testemunho missionário. Em tudo isso o Espírito de Deus insta ao o anúncio querigmático por parte de sacerdotes e leigos. Também move a Igreja a ir em busca daqueles católicos distantes. Por outro lado, se muitos cristãos deixaram nossa Igreja, entre muitas razões é por que faltou uma ligação mais estreita entre mistério celebrado e mistério testemunhado; entre Palavra proclamada e escutada com a palavra frutificada. Muitos irmãos que deixaram nossa Igreja encontraram em outras a “performatividade” que faltou na nossa.

D. Júlio César Terán Dutari, bispo de Ibarra, Equador; D. Enrique Días Días, bispo auxiliar de San Cristobal de las Casas, México; D. Ricardo Ernesto Centellas Gusmán, bispo auxiliar de Potosí, Bolívia: Na América Latina surgiu a Teologia da Libertação. Houve erros, houve perigos para os quais o Magistério interveio. Mas também não deixou de encorajar os teólogos a fim de que a Sagrada Escritura ilumine os novos percursos que a Palavra de Deus quer realizar. Não pode faltar uma “leitura comunitária” da Escritura para confrontar-se com os sinais de pecado e de graça que pervadem nosso continente. E a reflexão teológica em muito pode ajudar a suscitar ou recobrar a esperança dos nossos pobres. É preciso estar atentos às muitas vozes e rostos de pobreza que desfiguram nossa gente. Especialmente nos casos da culturas indígenas, ainda se tentou muito pouco compreender a sua cultura e sua concepção. Enquanto isso não ocorrer, será muito difícil que a Escritura seja “linguagem viva, escrita nas suas culturas e na sua vida”. Sem coragem para mudar, permanecerá ainda o triste traço de termos muitos batizados e poucos evangelizados.

D. Jesus Péres Rodrigues, arcebispo de Sucre, Bolívia; D. Eugene Lambert Rixen, bispo de Goiás, Brasil; D. Luiz Urban, bispo de Catamarca, Argentina; : Por diferentes modos os três referiram a reciprocidade intrínseca entre Bíblia e Catequese. Cresce a percepção e aceitação de que a Escritura é a fonte primeira da catequese. Pela escritura a catequese pode perceber o modo como Deus age hoje. Desde Medellín se acentuou a importância do “apostolado bíblico” para que se difunda a Palavra de Deus por meio de grupos bíblicos. E Aparecida recomenda e retoma o sonho de uma catequese bíblica, querigmática e mistagógica. Que se retome o caminho e modelos catecumenais de cateque, acompanhados dos primeiros exercícios de Leitura Orante já para os catequizandos. Deste modo, já desde a formação catequética que nossa gente poderá aproximar-se da pessoa de Jesus Cristo.

Não é este o lugar para uma análise minudente de todos os pronunciamentos. Mas estes apontam para importantes desdobramentos na vida da Igreja. Eis alguns indicativos importantes: É preciso superar a concepção restritiva da Palavra como livro. O caráter performativo da Sagrada Escritura, elemento de grande valência desde os inícios da Igreja, é decisivo para que percebamos que na Palavra o discípulo se encontra com a Pessoa mesma de Jesus. Pela Palavra consignada nas Escrituras, os discípulos de hoje podem viver o encontro pessoal com Jesus Cristo, com a mesma verdade salvífica daqueles que se encontraram com Ele nos caminhos da Palestina. Daí que toca-nos, como Igreja evangelizadora, promover, favorecer, estimular a Leitura Orante da Palavra, segundo os mais variados métodos. Somos uma Igreja que precisa aprender a “ouvir a voz da Palavra”. Uma nova aurora para a Igreja estaria a se vislumbrar. Eis aqui uma preciosa possibilidade para as “publicações e comunicações paulinas”.

Outra problemática bastante recorrente nos dias sinodais foi a necessária aproximação e reciprocidade entre exegese, teologia, espiritualidade e pastoral. A tal problemática pode ser acrescentada a demanda por melhor qualificação bíblica dos nossos presbíteros e demais agentes de pastoral. Exegese sem teologia e sem espiritualidade seria apenas literatura religiosa antiga. Teologia sem a Palavra seria teorização “sem alma”. Espiritualidade sem a Escritura e sem teologia corre o sério risco de subjetivismo. Quem comunica e/ou edita poderia prestar um grande serviço à Igreja valorizando temas de “teologia bíblica” e espiritualidade de natureza bíblica. Ademais, apresenta-se com grande urgência a necessidade de estudos e publicações na área de hermenêutica bíblica.

Se nossas pregações não tiverem densidade querigmática, se nossas celebrações não forem mistagógicamente configuradas, se nossa catequese não adotar estilos e expressões catecumenais, se nossas homilias não se impregnarem de experiências vivas do Espírito presente na Palavra, certamente o anúncio será vazio de “encantos”. Nossas iniciativas poderiam ter muitas idéias sobre Jesus, muitos enunciados doutrinários, muitas formulações e verdades morais, mas não necessariamente comunicariam experiências de fé. Cursos, reflexões e experiências neste âmbito poderiam ser partilhadas e difundidas.

Em âmbito pastoral, de cuja renovação temos muitas carências, talvez uma proposição que possa abarcar todos os nossos programas e projeções como Igreja continental, seria a “Animação Bíblica de toda a Pastoral”. O diálogo entre todos os evangelizadores será profundamente fecundo e criativo. Será de uma fecundidade bíblica. Ademais, segundo o Papa Bento XVI, este é o modo melhor também de enfrentar alguns problemas pastorais referidos durante a assembleia sinodal, ligados por exemplo à proliferação de seitas, que difundem uma leitura deformada e instrumentalizada da Sagrada Escritura. Por isso mesmo, ousa apresentar uma reflexão sobre o alcance e significado da “Animação Bíblica da Pastoral”. Este é uma temática de grandes repercussões para o futuro da nossa evangelização.

5 - Animação Bíblica da Pastoral

Quem lê atentamente o Documento de Aparecida surpreende-se com algumas constatações corajosas a que a Igreja se propõe. Será necessário um tempo longo, paciente, assinalado por muita perseverança, para integrar à nossa vivência eclesial aquelas percepções tão verazes e, ao mesmo tempo, muito impregnadas das características genuínas dos cristãos dos primeiros dias da Igreja. Ao escrever este parágrafo, penso na ênfase a temáticas tão relevantes e de grande recorrência como “encontro pessoal com Cristo”, “conversão pastoral”, “conhecimento da Palavra”, anseio dos discípulos de Jesus em “alimentar-se com o Pão da Palavra”... As citações poderiam se enumerar e alongar. Estas menções pretendem apenas lembrar que se tocam em questões e possibilidades sem as quais a Igreja poderia desfigurar gravemente sua própria identidade de discípula e missionária.

Ao mesmo tempo, muito já se falou que a humanidade atravessa um severo processo de transformação cultural. O mesmo já recebeu muitos nomes. Aqui, para simplificar, será mencionado apenas aquele já bastante conhecido: a chamada mudança de época. E este fenômeno é impossível mensurar. Tampouco se pode freá-lo. Seus desdobramentos suscitam, a cada dia, novas surpresas e perplexidades. Em meio a toda esta ebulição, quase tudo faz pensar que nos encaminhamos para a passagem de uma realidade de cristandade para outra de diáspora. Há muitos elementos a nos sugerir que, em termos de evangelização, teremos muitas proximidades com os caminhos e situações do cristianismo primitivo. E tudo isso está a instar os discípulos missionários do nosso tempo a indagações sobre os melhores percursos a palmear quando se trata de “transmitir a fé”. Afinal, é ela, a transmissão da fé em Jesus Cristo, a razão fundante de toda a ação evangelizadora.

Os primeiros cristãos não falaram de animação bíblica da pastoral. Mas a sua evangelização era profundamente bíblica; inteiramente perpassada pelas experiências e revelações bíblicas. Para anunciar a pessoa de Jesus Cristo, o Salvador ressuscitado, todas as esperanças do Antigo Testamento eram evocadas. Era assim nos dias apostólicos. Basta observar o pensamento paulino ou as pregações presentes nos Atos do Apóstolos. E quando o anúncio do Evangelho recebeu sua formulação escrita, então

quase tudo era matizado pela palavras dos evangelistas e dos apóstolos. Basta pensar nos primeiros escritos catequéticos (Didaqué); nas reflexões de Orígenes, lançando as primeiras raízes da Lectio Divina; e também a fecunda teologia dos Santos Padres. Era a Bíblia, ou melhor, a Palavra, a conferir motivação, a dar ânimo, a suscitar força perseverante e transfigurar o sentido de suas vidas. Porque afinados com a Palavra, seu modo de pensar, de projetar, de realizar e de celebrar, era inteiramente impregnado da força transformadora gerada pelo encontro com o Senhor mediante a Palavra. Eram evangelizadores “biblicamente animados”. Muito animados.

Pois bem, a animação bíblica de toda a Pastoral é um tema que retorna à ribalta nestes últimos tempos. Parece interessante observar o sentido da expressão a partir de sua etimologia. Por este caminho é possível vislumbrar o que se quer acentuar. O termo latino *animus* refere-se àquela força interior, àquele princípio espiritual que, a partir de dentro, move ou motiva alguém a determinadas escolhas e ações. É como que a alma que suscita dinamismos em favor de uma causa. O contrário é *des-ânimo*, falta de vigor, de alegria, falta de encanto. O Documento de Aparecida (n. 248) ao propor a *animação bíblica* da pastoral associa-a com “fonte de evangelização”, com “alimento com o Pão da Palavra”, com “encontro com Jesus Cristo vivo”. Basta observar as imagens de fundo: se secar a fonte, secará o córrego. Se faltar alimento, debilita-se o corpo. Se faltar encontro, vai-se a amizade.

Ainda caminhando pelos trilhos da etimologia, muito ajuda a perceber o sentido originário do termo “pastoral”. Pastoral vem de pastor, que, por sua vez, está ligado a pastagem. E a tal da pastagem é dotada de uma grande força simbólica, associada à vida, à serenidade, à paz. Um dos melhores retratos figurativos do AT é o Sl 23: “O Senhor é o meu pastor, nada me falta”. Em seguida afloram expressões figurativas como “descansar em verdes prados”, “conduzir a águas tranqüilas”, “restaurar forças”, “guiar pelo caminho certo”, “bastão e cajado” que dão segurança, “mesa farta”, “habitar na casa do Senhor”. É este o linguajar do AT para falar de um bom pastoreio. É marcado por experiências ricas de esperanças (“restaurar forças”), de vida generosa e abundante (“verdes prados”), de paz (“descanso”, “águas tranqüilas”). Resultam da gratuidade de Deus, que se volta atento para o seu escolhido. É esta a experiência do salmista.

Por outro lado, Jesus, o bom Pastor, servindo-se de figuras semelhantes, dá um passo decisivo. Não se trata apenas das graças com as quais Deus cumula os seus. Vai mais além: agora se refere **a quem Ele é** estando com as suas ovelhas. O evangelho de João é quem nos ajuda. No cap. 10 há várias expressões primorosas: “Eu sou o bom pastor”, cuja característica é dar a própria vida em favor das ovelhas (vs. 11.14); sua relação com elas é de conhecimento recíproco (v. 14); elas conhecem a voz do pastor (vs. 4.16). Ora, se a palavra “pastoral” procede desta terminologia, isso quer dizer que a mesma “pastoral” não se volta apenas para a oferta de serviços religiosos. Ainda que estes sejam feitos com generosidade, qualquer programa pastoral terá um caráter de pastoreio somente na medida em que as ovelhas puderem ouvir a voz amorosa do seu pastor e a Ele possam dar sua resposta. E o Povo de Deus “tem radar”, isto é, percebe

quando os homens e mulheres de Igreja falam do que “ouviram do Senhor” ou quando é apenas discurso religioso.

Pois bem, agora podem-se tentar algumas achegas à expressão “Animação bíblica da Pastoral”. Antes, porém, cabem algumas premissas: animação bíblica quer se referir a ânimo gerado a partir da Palavra. Palavra é “pessoa”. Não se trata, pois de “animar-se” a partir das idéias ou das estratégias de Jesus. Tampouco se trata apenas de estudá-Lo. O discípulo não ama a pessoa de Jesus simplesmente porque o estuda. Estudá-Lo é possível até sem ser discípulo. Um exemplo será de grande ajuda agora: quem conhece mais um adolescente? Sua mãe, que muito o ama, ou o psicólogo que o examinou com todos os métodos das ciências do comportamento? É evidente que a mãe conhece melhor. Ela procura o especialista porque ama o filho; não o inverso, não procura o especialista para poder amar o filho. Ela e ele necessitarão, provavelmente, da palavra especializada, mas é nas relações de partilha afetiva e interpessoal que o adolescente e sua mãe se construirão. Isso não se dá com ciência, mas nas experiências de amor vivido.

Voltando à “animação bíblica da pastoral” talvez seja útil começar por dizer o que ela não é. Não é mais uma “pastoral” entre outras, com seu coordenador, sua equipe, seu calendário de encontros e participações. Embora sejam necessários e, mais do que isso, indispensáveis, os encontros de estudo e formação ainda não são o “ânimo vital”, e não necessariamente “pastoreiam”. Então, o que é Animação Bíblica? Trata-se de “ânimo” que brota da Palavra. Palavra não é um conjunto de idéias, não é pensamento, não é conceito sobre Jesus. Palavra, aquela que se tornou Escritura, é portadora da pessoa mesma de Jesus. Algo parecido com a jovem que, ao receber a carta do seu amado, beija-a. Ela não quer beijar o papel, ou algumas frases. Ela está voltada à pessoa amada. O mesmo se pode falar da relação com Jesus mediante a Palavra presente na Bíblia. Por ela, pela palavra bíblica, é possível a amizade com Ele. Pela palavra bíblica se cultiva a afeição, o encontro, o silêncio atento diante dEle, a obediência a Ele, sempre com gratuidade e com confiança.

Em sua bela exortação pós-sinodal, o Papa Bento XVI se refere explicitamente à Animação Bíblica da Pastoral (n. 73). E explica que não se trata de sobrepor um ou outro evento singular a respeito da Bíblia. Ninguém pode falar convincentemente de uma pessoa sem ter-se encontrado com ela. Seria apenas “falar por ouvir dizer”. Seria apenas informação. E ninguém evangeliza oferecendo informações sobre Jesus. Para transmitir a fé, para anunciar a pessoa de Jesus, é necessário tê-lo encontrado; é preciso tê-lo experimentado; é preciso se deixar alcançar por Ele. É vivenciar o fascínio deste encontro, que nunca será “neutro”. Sempre haverá alguma reação-resposta. Alguns personagens dos evangelhos podem nos ajudar: Nicodemos (Jo 3,1-21), a Samaritana (Jo 4,1-12), Zaqueu (Lc 19,1-10), também Paulo, nunca mais foram os mesmos. Tornaram-se “agentes de pastoral” profundamente assinalados pelo encontro com o Senhor.

Pois bem, por Animação Bíblica da Pastoral não se quer enunciar novos formatos, novos esquemas e organismos, novas sistematizações organizacionais de paróquias ou

dioceses. Mais do que tudo, e antes de qualquer outra iniciativa, por animação bíblica se pretende dizer que todos os agentes evangelizadores, seja eles bispos, padres, religiosos, catequistas, ministros extraordinários, coordenadores, administradores de quaisquer instituições eclesiais, que todos tenham o “ânimo”, a linfa interior originada do encontro com Ele mediante a Palavra. E quem o encontra alegra-se com Ele, fala com Ele, compreende com os critérios e valores dEle, interpreta com Ele, assume as escolhas dEle. O agente de pastoral bíblicamente animado não passa a fazer mais coisas, ou ter mais outros compromissos de agenda. Não é um modo de fazer. É um modo de ser diante de Jesus Cristo e, por causa dEle, um novo modo de ser diante dos outros.

Não se trata de intimismo. O intimista está à procura de suas conveniências mediante gratificações subjetivas de tipo religioso ou místico. Trata-se sim de intimidade com Jesus. A intimidade cria e aprofunda relações, transforma corações, recria ou renova opções e também move a ações. A intimidade com Ele traz paz e alegria. E se difunde a partir de quem a experimenta. Bento XVI assim se expressou referindo-se a animação bíblica: Que *“se tenha realmente a peito o encontro pessoal com Cristo que Se comunica a nós na sua Palavra. Dado que ‘a ignorância das Escrituras é a ignorância de Cristo’, então podemos esperar que a animação bíblica de toda a pastoral ordinária e extraordinária levará a um maior conhecimento da Pessoa de Cristo, Revelador do Pai e plenitude da Revelação divina”* (Verbum Domini, 73).

O que fazer para que nossos evangelizadores sejam “biblicamente animados”? Trata-se fundamentalmente de espiritualidade bíblica. Esta pode ser cultivada de diferentes modos. Vale lembrar que a Palavra tem uma “potência sacramental” (cf. Verbum Domini 56; 195) ou seja, ela realiza o que pronuncia. A liturgia, celebrada como verdadeira linguagem do mistério da pessoa de Jesus e a Leitura Orante da Palavra apresentam-se como as melhores possibilidades para que os discípulos de hoje, do mesmo modo como os da primeira hora da Igreja, evangelizem bíblicamente inspirados.

D. José Antonio Peruzzo